



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



O USO DA LITERATURA DE HORROR NA SALA DE AULA

Anna Luiza Cavalcante Ferreira Dias

Rio de Janeiro

2023

ANNA LUIZA CAVALCANTE FERREIRA
DIAS

O USO DA LITERATURA DE HORROR NA SALA DE AULA

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel/Licenciado
em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dra. Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira

RIO DE JANEIRO

2023

Dias, Anna Luiza Cavalcante Ferreira .

O Uso da Literatura de Horror na sala de Aula/Anna Luiza Cavalcante
Ferreira Dias. – 2023.

(total de folhas)97 f.

Orientador: Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira. Monografia
(graduação em Letras habilitação Português –Literaturas) – Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 95-97.

1. Literatura. 2. Horror. Dias/ I - Dias, Anna Luiza Cavalcante Ferreira II -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2023) III . O
Uso da Literatura de Horror na Sala de Aula.

FOLHA DE AVALIAÇÃO
ANNA LUIZA CAVALCANTE
FERREIRA DIAS
113038233

O USO DA LITERATURA DE HORROR NA SALA DE AULA

Monografia submetida à Faculdade
de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de
Bacharel/Licenciado em Letras na
habilitação Português/Literaturas

Data de avaliação: _____/_____/_____

Banca Examinadora:

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca

Examinadora Prof. Dra. Maria Fernanda Alvito Pereira de
Souza Oliveira

NOTA

NOTA: __

Nome completo do Leitor Crítico

Prof. Ma. Carolina Fabiano de Carvalho

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, em especial meus pais, Marco e Graça que sempre investiram tudo que puderam na minha educação, e incentivaram meu interesse à leitura desde criança. E também à minha tia e madrinha Marilene que foi sempre uma inspiração como educadora na minha vida, e para minha prima-irmã mais velha Helena que incentivou meio sem querer meu interesse por filmes de horror/terror. Amo vocês!

Agradeço também ao meu companheiro Leander, por seu amor, cuidado, incentivo, infinitas explicações de teorias freudianas, pela escuta das minhas palestras e reclamações, cafezinhos, comidinhas quentes, chocolates, e todas as coisas que você fez para que eu não desistisse e continuasse nessa jornada. Te amo!

Gostaria de agradecer também aos meus amigos, e aqui englobo meus melhores amigos do Fundamental e minhas melhores amigas do Ensino Médio, obrigada pelo apoio essencial de vocês.

Também agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Maria Fernanda Alvito por sua orientação, carinho, trabalho e parceria. Trabalhamos juntas no PIBID, e eu sabia que sua escolha como orientadora seria a melhor que eu poderia fazer. Também agradeço à minha leitora crítica Prof. Ma. Carolina Carvalho pelas dicas e toque durante a disciplina de Prática de Ensino que foram essenciais nesse trabalho. Obrigada!

Agradeço também a todos os escritores, diretores, fãs e todas as pessoas que fizeram do horror/terror sua pesquisa e seu trabalho, obrigada por toda a inspiração e por todo o trabalho nesse gênero incrível.

Prefácio

O presente trabalho tem como objetivo contribuir de alguma forma com os estudos sobre o ensino de língua e literatura brasileiras, trazendo contribuições para o trabalho pedagógico utilizando a Literatura de Horror/Terror.

Divido em três capítulos, o primeiro contendo as motivações desse trabalho e as características do gênero, o segundo trazendo reflexões sobre as teorias freudianas dialogadas com textos literários e o terceiro trazendo as contribuições teórico-literárias e pedagógicas desse tema.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....
2. O HORROR/TERROR E SUA IMPORTÂNCIA
3. PSICANÁLISE, HORROR/TERROR E SOCIEDADE
 - 3.1 O MAL-ESTAR E SUAS REPRESENTAÇÕES
 - 3.2 O INFAMILIAR NO FAMILIAR
 - 3.3 O INFAMILIAR NO HORROR/TERROR BRASILEIRO
4. A RECEPÇÃO DO HORROR/TERROR E SEU USO NA SALA DE AULA
 - 4.1 A RECEPÇÃO DAS NARRATIVAS DE HORROR/TERROR
 - 4.2 SUGESTÕES PARA ABORDAGEM DO HORROR/TERROR NA SALA DE AULA
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo lançar hipóteses sobre como a literatura de horror pode fornecer um bom apoio para o trabalho com os conteúdos de ensino de língua portuguesa e suas literaturas em sala de aula, incluindo a escrita criativa do próprio gênero.

Dialogando com alguns conceitos da teoria freudiana, busco refletir sobre como a literatura brasileira de horror nos toca como leitores e como ela pode contribuir com a prática pedagógica. Não pretendo sugerir que ela pode operar um milagre, não fazemos milagre (ou fazemos), mas podemos trazer a reflexão de que ela pode ser algo que se aproxime um pouco dos alunos e, ao contrário de ser puro entretenimento, trazer discussões sociais, históricas e psicológicas que podem ser de grande interesse, tanto para nossos estudantes, como para nós, como profissionais. A ideia aqui não é tirar conclusões apressadas, não é afirmar “Isso vai dar certo”, mas trazer algumas provocações em torno desse gênero literário e de sua apropriação pelos jovens em espaços educacionais.

No primeiro capítulo, discuto o conceito do que é o horror, e procuro sublinhar sua importância. Tratando-se, aqui, do trabalho de conclusão de um curso de licenciatura, é significativo abordar, de início, os motivos que me levaram a pesquisar e trabalhar com esse tema, retomando minhas vivências como aluna, assim como as que tive ao longo da graduação, como futura professora. Trarei aqui algumas referências de autores que são referência no gênero em nível mundial, buscando entender, por meio das leituras que me marcaram, não somente meu interesse no tema como a hipótese que formulo a seu respeito – de que a abordagem da literatura de horror tem potencialidades para a formação de leitores no espaço escolar.

O segundo capítulo trata dos aspectos da problemática social implícita ou explicitamente presente na literatura de horror. No episódio #74 *Literatura Brasileira de Horror - Braulio Tavares e Cristhiano Aguiar* do podcast *451 MHz: O Podcast dos Livros* da editora Companhia das Letras, o escritor Cristhiano Aguiar fala como a origem do nosso país vem do trauma da colonização, e como podemos abordar esse trauma por meio de uma escrita de horror/terror tipicamente brasileiro. Utilizando os conceitos de *Mal-Estar na Civilização* e *O Infamiliar* de Sigmund Freud, tentarei estabelecer uma relação entre os problemas psicológicos que subjazem às formações sociais e a escrita de horror, buscando apontar as possibilidades que a partir daí se abrem para a promoção de discussões literárias que toquem o contexto social em que estão inseridos os estudantes da educação básica.

Apoiada no conceito do infamiliar, tratarei de pensar as relações sociais e familiares, pensando em momentos fundadores de nossa sociedade em que algo de horror/terror esteve presente, e permanece recalcado, podendo aparecer na literatura desse gênero. O objetivo deste capítulo é refletir sobre como se tecem algumas produções brasileiras de horror, os problemas sociais que foram ou podem ser incluídos nessa temática, além de falar de autores que exploram nossos mitos e lendas em que algo de infamiliar se anuncia.

Por último, iniciei o terceiro capítulo trazendo uma pesquisa sobre o interesse de jovens no horror. Isso será relevante para começar a tratar do uso do gênero na sala de aula. Para isso, são revisitados alguns teóricos da literatura que oferecem contribuições para pensar sobre a literatura de horror. Também trouxe sugestões de autores que o professor pode abordar, e alguns exemplos de trabalhos que exploraram o gênero horror/terror em sala de aula, com turmas da Educação Básica, registrando como os alunos reagiram frente à apresentação desse gênero. A ideia é ilustrar a hipótese condutora deste estudo, mostrando ser possível promover relações entre aspectos sociais e psicológicos presentes na literatura de horror e questões atuais para os estudantes, tratando de sentimentos ao mesmo tempo familiares e estranhos que, quando objeto de elaboração em sala de aula, podem dar lugar a um trabalho motivador e significativo, do ponto de vista pedagógico.

2. O HORROR/TERROR COMO GÊNERO

Stephen King em seu ensaio *Dança Macabra* traz uma interessante ideia, que acho importante que esteja nesse trabalho, com o objetivo de dar início à reflexão sobre o tema proposto. Em seu trabalho, ele traz uma definição e propõe uma diferença entre o terror e o horror. O primeiro teria muito mais a ver com um certo clima. É um gênero que deixa em suspenso, vai levando o leitor/espectador para um certo lugar e joga com o medo, a tensão, um possível desconforto e uma pequena angústia. É por exemplo aquele livro que descreve uma situação portadora de tensão gerando a expectativa de que venha algo terrível, bizarro, que, no entanto, não se revela. O horror, porém, já é completamente diferente. Ann Radcliffe¹, na página 6 de seu ensaio *On The Supernatural in Poetry* (1826) diz que “o terror expande a alma e desperta nossas faculdades ao mais alto grau da vida, o horror as contrai e congela, quase que aniquilando-as”. Ele é figurativo, se mostra mais violento, terrível e arrebatador. Faz o leitor/espectador parar de ler/assistir e encarar o vazio, porque é impossível aceitar o que acabou de acontecer naquele pequeno punhado de palavras ou naquela cena a que está assistindo. Um filme do tipo *slasher* – caracterizado como um subgênero do cinema de horror/terror que traz um vilão, na maioria das vezes humano, perseguindo um grupo de pessoas com algum tipo de arma, em que resta apenas um sobrevivente, normalmente uma mulher, a quem chamamos de “garota final”, surgido a partir dos anos 70 – traz essas duas modalidades. Por exemplo, em *Halloween*² (1978), em vários momentos temos o personagem do Dr. Loomis (Donald Pleasence) procurando por Michael Myers (Nick Castle) pela cidade, ou aqueles em que Laurie Strode (Jamie Lee Curtis) está olhando pela janela da sala de aula, e vê uma figura mascarada parada, que olha fixamente para ela. Em todos os momentos em que o espectador espera que o vilão vá fazer algo, aqueles em que ele pode entrar em qualquer casa e matar o primeiro que vier, mas não se sabe de fato quando ele vai fazer isso, são de terror. Porém, quando ele começa os momentos de pura carnificina, em que os personagens vão sendo assassinados, e a história fica muito mais em uma contagem de corpos e baldes de sangue, aí temos o sentimento de horror descrito por King e Radcliffe.

É com essa definição que eu inicio esse trabalho de pesquisa sobre a literatura de horror e sua possível contribuição no trabalho com a literatura na educação básica. O que me leva a viajar em lembranças e começar essas reflexões com alguns questionamentos: “Por que eu escolhi esse tema?”, “O que ele agrega na minha vida e na minha formação?”. Começando pela primeira pergunta, respondo que escolhi esse tema, porque sempre amei o gênero. Desde os primórdios da minha formação de leitora, o horror/terror sempre esteve em alguma obra que

minha mãe lia pra mim. Eu fui incentivada a ler desde criança, com livros fantásticos e revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Um dos primeiros quadrinhos que li sozinha, e um dos meus favoritos, era uma paródia da turma com o filme de 1999 *A Bruxa de Blair*. Nele, Mônica faz um piquenique com os amigos e eles começam a conversar sobre o filme a que tinham assistido na noite anterior, *A Bruxa de Blu*, até que acham um mapa para a casa da personagem e percebem que a lenda pode ser real. Apesar de todo um contexto leve e engraçadinho, apresentando como uma brincadeira o fato do filme ser de difícil entendimento, vários elementos da produção original aparecem no quadrinho, além do sentimento de terror, de forma amenizada, com um pouco de humor. Ao final, assim como o filme, ele deixa um final em aberto, sugerindo que Mônica e seus amigos teriam visto, sim, a Bruxa.

O interesse em trazer esse tema para uma pesquisa está ligado não só à minha criança interior, mas inclui refletir, no presente e como futura professora, sobre o quanto o horror/terror pode ajudar a introduzir diferentes novos assuntos, que são importantes para o aprendizado e a formação social em sala de aula, a começar por novos gêneros. Quando pensamos em literatura de horror/terror ou cinema de horror/terror, reconhecemos que se trata de produções um tanto distantes da nossa vivência escolar. No episódio #04 *Fazendo um Suspense com Raphael Montes*, do podcast *Língua Livre*, das professoras Vivian Paixão e Liliane Machado, do Colégio Pedro II, o escritor Raphael Montes e elas conversam sobre como a literatura de horror não é canônica, aparecendo pouco em sala de aula, tanto na educação básica, como nas discussões de teoria literária das universidades. Talvez por ser complicado lidar com a violência, o desconforto e a angústia, com sentimentos negativos, e com os efeitos que as literaturas que os contêm podem gerar nos estudantes. Em uma das minhas primeiras aulas de Teoria Literária, na Faculdade de Letras, falamos sobre a experiência de catarse. Os sentimentos gerados na leitura/recepção de uma obra de arte dramática ou trágica estariam ligados a uma libertação de conteúdos mentais que poderiam estar presos pelas amarras sociais. O efeito provocado pela literatura de horror/terror também pode estar ligado a esse sentimento, visto que quando lemos algum livro desse gênero há uma liberação de emoções, que pode ser compreendida da mesma maneira.

Em outubro de 2022, um filme chamado *Barbarian* foi lançado em uma plataforma digital. O filme conta a história de Tess (Georgina Campbell), uma mulher que aluga um Airbnb em Detroit, nos EUA, para uma entrevista de emprego. Ao chegar lá, descobre que a casa também foi alugada para um homem chamado Keith (Bill Skarsgard), e que ela terá que dividir a reserva com esse desconhecido. No dia seguinte, após sua entrevista, ela e os espectadores

descobrem que existe algo monstruoso no porão da casa, e que Keith não era a real ameaça. Esse filme suscita discussões sobre a violência e os riscos que as mulheres correm em sociedade, assim como a ideia de que uma sociedade em deterioração econômica pode dar espaço a episódios de deterioração moral, que podem ser ressignificados em momentos de horror, quando se nota que as autoridades ignoram os episódios violentos que ocorrem com as pessoas naquele bairro. Quando percebemos que não há um jeito, que a personagem não tem como fugir dali, porque a crise econômica levou aos episódios de horror que ocorrem, podemos entender como a ideia de horror desse filme pode estar muito mais ligada à sociedade como um todo, e não só a algo da ordem do demoníaco. Ao mesmo tempo que torcemos para Tess conseguir fugir da ameaça que está no porão da casa, também nos deparamos com a revelação de que o filme trata de diferentes mulheres sendo violentadas, desde a criatura monstruosa do porão até Tess.

Ainda em *Dança Macabra*, encontramos uma passagem em que Stephen King descreve um momento de sua infância, que sublinha o terror social de que estamos tratando. Ele conta de um dia em que ainda era um garoto, nos anos 50, e foi a uma matinê de filmes, programa muito comum da época. Em um dado momento, interrompem a exibição de *O dia em que a Terra parou* para dar a notícia de que o satélite Sputnik I tinha superado o satélite dos EUA na corrida espacial, sendo o primeiro a orbitar a Terra. A notícia deixou muitos assustados, principalmente as crianças que ali estavam. Até aquele momento, para a população dos EUA, o país tinha um enorme controle bélico e econômico, e despontava como uma das nações que, após a Segunda Guerra Mundial, eram sólidas, seguras e fortes. A ideia de que a URSS tinha superado o seu país na corrida espacial trouxe medo e incredulidade aos americanos. Isso despertou a suspeita de que o sólido modelo imperialista e capitalista dos EUA podia não ser o mais seguro. O que aconteceu naquele momento em uma sala de cinema foi um episódio de pânico social. Aquelas crianças estavam com medo por verem abalados os pressupostos ideológicos em que foram socializadas. Esse sentimento pode ser encarado, de acordo com a definição de Radcliffe, já citada, como de terror, já que deixava em suspenso a possibilidade de uma invasão nos EUA. King, em seu ensaio, diz que “nós inventamos horrores para nos ajudar a suportar os horrores verdadeiros” (1981, p.21). Ou seja, esse episódio, pode ter sido crucial em sua formação como escritor e também pode ter sido importante para diversos outros escritores.

Refletindo sobre isso, não podemos deixar de pensar no medo social imposto em nosso próprio país. Acabamos de passar pelas eleições mais turbulentas desde a redemocratização.

Durante o período eleitoral, atos de violência encheram os jornais ou discussões, cometidos por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Após as eleições, assistimos pessoas acampadas em frente aos quartéis, pedindo que exército salve as crianças do perigo, a partir da ideia, veiculada por alguns veículos de imprensa e nas redes, de que o Brasil vai virar uma economia comunista. Mais recentemente, pudemos ver essas mesmas pessoas entrarem em prédios de poder da capital do nosso país, como o Planalto e os prédios do STF e do Congresso Nacional, vandalizando gabinetes, salas, obras de arte etc. As investigações desse momento triste para nossa História seguem em andamento, porém o que se sabe é que essas pessoas se uniram por grupos do Telegram, que geralmente eram um centro de boatos, que causaram pânico social nesse segmento da população.

No entanto, não é a primeira vez que o pânico social ligado a situações políticas do nosso país entra em cena. O golpe militar de 1964 teve seus moldes baseados na ideia de impedir que houvesse uma revolução comunista no Brasil. O que sucedeu após a entrada dos militares foram anos de puro horror, em que segundo relatório da Comissão da Verdade de 2014, mais de 434 pessoas foram mortas ou desapareceram, algumas não tendo seus corpos encontrados até os dias de hoje. Se olharmos para a realidade da História, não há comprovações de que nosso país, na década de 60 ou no presente, esteve próximo de se tornar uma nação comunista, porém o medo, alimentado pela propaganda de um país que estava contra a URSS na Guerra Fria, permitiu que tivéssemos um dos períodos mais nefastos da história do nosso país. Aqui, podemos perceber que o “outro”, representado pelo estereótipo de estrangeiro, que pode ter raízes das ideias imperialistas, é eleito como um inimigo comum a ser combatido, pois é responsável por tudo que nossa sociedade caracteriza como ruim e sombrio.

Compreendemos então que a literatura de horror/terror pode trazer à tona a ideia de desconforto, de algo inquietante, que habita o tecido social. Tal sentimento, como nos sugere Stephen King, pode estar ligado a elementos constitutivos específicos da sociedade a que pertencemos – como os que ocorrem no presente brasileiro. Assim sendo, a literatura de horror/terror pode lançar mão de temas sociais para produzir seus efeitos característicos. Os elementos do horror/terror social estão ligados a um desconforto que recalamos e tentamos ignorar. Mas esses efeitos se singularizam, sendo afetados por fatores individuais. Não por acaso, as manifestações artísticas de horror produzem efeitos diferentes e particulares em cada leitor. Quantas vezes não passamos pela experiência de alguém do nosso convívio nos indicar um filme ou livro de terror, dizendo que foi a coisa mais assustadora que ele já viu, e conosco a obra não produzir esse efeito tão aguardado? Entendemos que isso se dá pelo fato de que a

sensação de aterrorizar, deixar uma angústia ou um desconforto, que vimos poder estar ligada à vivência em sociedade e às ideologias fundadoras de um país ou de um grupo, passa também pelos traumas pessoais, pela constituição individual, pelo o que cada um traz de família.

Em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica* (1970), o crítico literário Tzvetan Todorov fornece algumas indicações para a caracterização do gênero em estudo neste trabalho. Sua definição de literatura fantástica abraça também em parte a literatura de horror/terror, já que algumas das suas definições abrangem esse gênero também. Referindo-se a obras de escritores considerados clássicos do horror/terror, como Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft, ele afirma que “A vacilação do leitor é pois a primeira condição do fantástico. Mas, é necessário que o leitor se identifique com um personagem em particular”. Assim, considerando sua hipótese válida para a literatura de horror/terror podemos supor que o medo ou o desconforto estão associados a uma identificação que os leitores precisam fazer, pautada em sua singularidade, com alguns dos personagens.

Pensando nessa definição, posso referir-me a uma situação que ocorre comigo como espectadora. Meu companheiro considera que o filme de terror chamado *O Babadook*, de 2014, é um filme “meio tosco” e afirma que não conseguiu se conectar com a obra. Nessa história, uma mãe solo ainda assolada pela trágica perda do marido cria seu filho de seis anos, uma criança que podemos chamar de excêntrica, exibindo comportamentos que fazem Amelia (Essie Davis) não saber de que forma lidar com isso. Um dia, ela lê para o filho um livro de histórias sobre um monstro chamado Babadook, e a partir daí, a criança passa a se sentir perseguida e ameaçada por essa figura. O fato de não sabermos se a casa onde moram está mesmo assombrada, ou se isso é apenas produção da mente de uma mãe cansada, que precisa lidar sozinha com um filho e uma casa, trouxe para mim, diferentemente do que ocorreu com meu companheiro, a sensação de medo e estranhamento. Compreendo que tal reação se liga ao modo pelo qual, como mulher, fui socializada desde a infância. A ideia da dificuldade em amar um filho, atrelada à representação da solidão de criá-lo sozinha tocou em alguns pontos do meu psiquismo, e me trouxe desconforto. Isso faz com que, para mim, o que pode se estender para outras mulheres, educadas de forma semelhante na mesma sociedade e momento histórico, esse seja um filme impactante.

Um efeito da mesma ordem, que corrobora com o que vimos desenvolvendo, ocorreu com meu companheiro. Quando assisti a *O Exorcista* de 1973, o filme trouxe à tona questões profundas, despertando a sensação de medo e estranhamento. O filme conta a história de Reagan (Linda Blair), uma adolescente de 13 anos, que é possuída por um demônio, e passa a

demonstrar comportamentos diferentes. Sua mãe, Chris (Ellen Burstyn) tenta de todos os meios possíveis ajudar a filha, e após esgotar todos os tratamentos possíveis, recorre ao exorcismo. Apesar de hoje em dia ser ateu, meu companheiro foi criado e socializado em um ambiente marcado fortemente pela religião. Ainda que distante da prática religiosa no momento, foi tocado pelo filme, possivelmente pela evocação de sentimentos recalcados, o que deu lugar a um estado reflexivo que perdurou depois da exibição. Para mim, este é apenas um clássico do cinema com algumas nuances muito questionáveis. Sabe-se que William Peter Blatty, autor do livro que serve de base ao filme, do qual também foi roteirista, era um homem muito católico, que quis com seu livro tematizar a salvação pelo amor de Deus. Podemos perceber na obra alguns elementos que não estão ali por acaso, remetendo a aspectos ideológicos histórica e socialmente reconhecíveis. O primeiro contato do personagem Padre Merrin com o demônio se dá em um país do Oriente Médio, ou seja, em uma região dominada por religiões não-cristãs. O espírito do mal entra em uma menina de 13 anos, que está chegando na puberdade e é filha de uma mãe divorciada, que coloca sua carreira em primeiro lugar. A escolha de todos esses elementos, considerando o autor, sua vivência religiosa e o ano em que se passa deixam muito claros traços da mentalidade social que o filme reproduz.

Finalizamos este primeiro capítulo com o entendimento de que, assim como teve protagonismo na minha formação de leitora literária, a literatura de horror/terror pode desempenhar um papel importante em outras formações. Além disso, pudemos reconhecer o quanto o horror/terror, tendo raízes em modos de pensar socialmente difundidos, pode suscitar efeitos a partir de traços individuais que sustentam as identificações de que nos fala Todorov, sendo necessário levar em conta as conexões que cada leitor pode estabelecer com narrativas desse gênero. Por isso, o trabalho prossegue investigando as propriedades que esse gênero tem de falar sobre o desconhecido e o conhecido, abordando novos sentimentos.

3. PSICANÁLISE, HORROR/TERROR E SOCIEDADE

3.1 O MAL-ESTAR E SUAS REPRESENTAÇÕES

Em *O Mal-estar na Civilização* (1930) Sigmund Freud desenvolve uma reflexão sobre ética e moral na sociedade ligadas à internalização de uma lei e da renúncia de nossos desejos, os quais tornamos inconscientes. A ideia que ele defende é a de que abrimos mão de ter certos prazeres ou coisas que poderiam nos satisfazer, em respeito à lei e ao espaço coletivo e do outro. A lei está presente em todas as sociedades, servindo para controlar e coordenar os indivíduos, de maneira que abrimos mão de certas satisfações de ordem sexual e também agressiva em prol

da construção e do avanço civilizacional. A internalização desta lei é a base de toda a moralidade e constitui o superego, instância psíquica responsável por reprimir, censurar e punir o eu. Não se trata aqui de uma lei apenas de ordem jurídica, externa, mas de algo constitutivo dos sujeitos. Para pertencer à sociedade, seja ela qual for, é preciso reprimir algo para dentro de si, retirar da consciência alguma vontade ou desejo, em prol da convivência pacífica. Tal condição articula-se à noção de desamparo vivenciada pelos seres humanos, cuja única certeza é a da morte, porém nenhuma sobre o que acontece após a morte. Tal articulação produz um sentimento inominável, incapaz de ser simbolizado e que nos apareceria na forma de uma angústia inerente à existência. Freud disserta no texto sobre o mecanismo do recalque, definido como algo que a consciência não aceita em si, e por isso é deslocado para a esfera do inconsciente, ou seja de algo que não deve ser acessado pelo pensamento. Para lidar com o que foi recalçado, a mente humana dispõe, segundo Freud, do mecanismo da sublimação.

“Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos.” (FREUD, 1930, pág.11)

O mal-estar é controverso; o conceito por si só carrega uma indefinição. Ele seria inerente à condição social dos seres humanos. Não podemos caracterizar o mal-estar como um simples desconforto, algo momentâneo, como alguma dor ou náusea. Seu conceito está relacionado ao desconforto da vida em sociedade. Cada pessoa vai reagir a esse sofrimento de forma diferente. Ele se apresenta por meio da angústia, podendo se relacionar com a angústia de existir, da morte e do que vem depois dela, e outras representações. Cada pessoa produz sua sublimação de um modo próprio. Segundo Freud, a sublimação pode ser explicada como a forma que o ser humano dá outro destino a uma pulsão sexual reprimida. O autor lista quatro elementos que podem ser usados nesse processo: as artes, a religião, as drogas e o trabalho. Assim, cada pessoa vai encontrar sua forma singular de regulação das pulsões por meio da sublimação. Algumas pessoas usam as artes para fazer esse papel em sua vida, e, a partir dessa ideia, podemos começar a reconhecer a literatura e o cinema de horror/terror como uma forma de sublimar a condição de desamparo que pertence a todos. Ler e assistir sobre situações violentas, pessoas e fantasmas vingativos, monstros perseguidores, seitas macabras, possessões demoníacas podem então ser entendidos como interessantes, porque socialmente integradas, formas de sublimação para os impulsos sádicos e masoquistas de algumas pessoas. Colocar os sentimentos de desconforto no papel, assim como experimentar essas emoções por meio da

literatura ou do cinema, trazer seus medos e seus desconfortos para uma extensão artística pode oferecer uma forma de lidar com tudo que necessariamente recalamos.

Podemos pensar no livro *O Cemitério* (1983) de Stephen King. Nesse livro conhecemos a família Crane, composta pelo pai, o médico Louis, sua esposa Rachel e seus dois filhos, Ellie e Gage. Louis, tentando fugir da cidade grande, se muda de Chicago para uma pequena cidade no Maine. Após o trauma de perder um jovem paciente no seu primeiro dia de trabalho, ele descobre que o gato de sua filha, Church, morreu. Seu vizinho Jud o convence a enterrá-lo em um cemitério indígena, e ele faz tudo que Jud aconselha, não imaginando que aquilo teria maiores consequências. Porém, inesperadamente, o gato volta à vida e volta para sua casa. Podemos pensar que a volta do gato do cemitério de animais traz o sentimento de mal-estar descrito por Freud. Apesar de ele ser um membro da família, e de que o objetivo do sepultamento da forma como foi realizado fosse mesmo que ele pudesse voltar, esse acontecimento traz sentimentos que os personagens tentaram recalcar durante a história. Durante a história, vemos que tanto Louis, quanto Rachel lidam com a dificuldade de lidar com a morte. A volta do gato traz esse recalque da ideia da morte de volta para suas vidas, se tornando algo com o que eles não queriam lidar.

No livro *Não me Abandone Jamais*, de Kazuo Ishiguro (2005), conhecemos a história de Kathy H. e seus amigos. Eles vivem em uma realidade em que o governo produziu clones de pessoas que são consideradas escórias da sociedade, para que quando fizessem 18 anos começassem a doar seus órgãos para a população não-clone. Geralmente, os clones conseguem fazer até quatro doações antes de morrer, o que pode acontecer antes disso. A escola em que Kathy e seus amigos estudam incentiva a aptidão para a literatura, a arte e o esporte, como formas de sublimar a angústia de existir como clones e seus desejos. O personagem Tommy é considerado um pária na escola, por não ter aptidão para nenhuma dessas atividades. Porém, quando ele atinge a maioridade, e está perto de começar suas doações, passa a fazer desenhos e pinturas. Apesar de suscitar a ideia de que ele se dedica à arte numa tentativa de provar que tem uma alma, somos levados a pensar que essa pode ter sido a forma encontrada para sublimar a angústia diante da morte precoce que ele teria. A personagem Kathy H. se inscreve como alguém que dá conforto aos clones; ela diz que é uma atividade que lhe dá prazer, colocando também uma força nisso, e sendo essa a forma que ela encontrou de lidar com as perdas das pessoas que ama, e com sua própria morte.

Outro livro que pode abordar o tema do mal-estar é o romance de Raphael Montes intitulado *Suicidas* (2012). Esse livro é composto de três narrativas. A primeira situa-se um ano

após os eventos principais, em que um grupo de nove mães são interrogadas por uma investigadora da polícia para descobrir como um jogo de roleta russa entre os filhos dessas mães terminou com 8 mortos e um dos jovens em coma. A segunda é o diário de Alessandro, uma das vítimas dessa tragédia e melhor amigo do idealizador do jogo, Zak. A terceira pela leitura da investigadora e das oito mães do livro que Alessandro escrevia sobre a noite dos jovens que conta o dia do jogo para as mães, e a tentativa de entender se todos estavam lá por vontade própria e se um deles assassinou os outros.

Zak se torna o idealizador do jogo quando perde seus pais em um acidente de carro. No decorrer do livro, temos a descrição que Alessandro faz do amigo como uma pessoa sem limites, um mimado, que tem tudo que quer. A perda dos pais é um golpe que faz com que Zak perca a sanidade e a certeza de proteção e cuidado que tinha na vida. Os nove jovens resolvem fazer um pacto em que todos eles morreriam naquela noite, e se trancam no porão da casa de campo dos pais de Zak, com uma arma, nove balas, bebidas e drogas. Conforme a noite vai adentrando, vamos percebendo que os personagens vão perdendo a censura. Pode-se dizer que, ao perceberem a certeza da morte, eles não se importam mais com as regras sociais que permeiam suas vidas. Então, alguns personagens sucumbem aos desejos que estavam escondidos em seu inconsciente. Um exemplo é o personagem Noel, descrito como um garoto meio nerd que nutria uma paixão pela personagem Ritinha. Em dado momento, é a vez de ela morrer no jogo, e Noel fica totalmente fora de si. Zak então sugere que esse seria o único momento em que ele poderia de fato ter alguma relação com Ritinha. Noel então comete um ato de necrofilia, enquanto os demais assistem. Apenas a personagem Waléria se importa com a cena e tenta mostrar aos outros que aquilo que acontecia ali era algo contrário aos pactos sociais. Esta era a única personagem que ainda não tinha total certeza se queria mesmo morrer, talvez por isso uma das únicas que ainda tenta trazer as ideias de moral presentes na sociedade para aquela situação.

Constatamos que o sentimento do mal-estar pode encontrar lugar em diversas narrativas de horror/terror, principalmente quando pensamos que uma das coisas que pode, em primeiro lugar, trazer a sensação de medo, é o retorno do recaiado. Podemos perceber em diversas histórias que o grande “monstro” de seus enredos é justamente aquilo que os personagens recalcam. Além disso, a ideia de angústia que a própria vida traz pode ser um bom mecanismo para causar essas sensações no leitor. À medida que verificamos que os personagens podem deixar a civilidade de lado, vamos encontrando uma espécie de terror na reflexão de como o ser humano pode agir em situações em que não lhe é mais exigido que mantenha as regras sociais impostas.

Podemos concluir que o tema do mal-estar atinge diretamente a recepção literária, por pelo fato de estar enraizado nos membros da sociedade. Por isso, é importante refletir sobre os diversos modos pelos quais a literatura faz a abordagem do mal-estar. Esse é um tema espinhoso, o que explica que por vezes encontremos resistência a seu tratamento em sala de aula.

3.2- O INFAMILIAR

Relacionado com a temática em estudo, outro conceito freudiano, o de infamiliar, pode ser reconhecido nas narrativas de horror/terror, e podemos registrá-lo até mesmo em narrativas infantis, como os contos de fadas. Em todas elas, o que causa medo, angústia e desconforto está ligado ao cotidiano das pessoas. Na maioria dessas histórias vemos um final feliz acontecer para as personagens, em que tudo volta ao que seria normal. Sobre esse componente das histórias infantis, King pondera que mostrar horror/terror para crianças exige construir situações capazes de levá-las a estados desconfortáveis e angustiantes que estejam adequadas à sua idade e formação cultural. Trata-se, segundo o autor, de deixar que elas entendam o que as deixa apavoradas, o que lhes provoca esses sentimentos seria importante para que possam entender a elas mesmas. A ideia de infamiliaridade pode ser percebida nas escolhas narrativas dos contos de fadas da tradição europeia, e também nas que os autores de histórias de horror/terror fazem em seus textos e nas sensações que eles provocam. Analisando esses textos, podemos refletir sobre o lugar que experiências tão comuns ocupam na sociedade, e debater sobre os estados de conforto e desconforto e as condições que os propiciam. A literatura de horror/terror pode nos ajudar a questionar os papéis que a sociedade estabeleceu para as pessoas, e pensar que esses mesmos papéis podem estar ligadas ao que surge, na vida e na literatura, como infamiliar. Freud aborda o infamiliar como reencontro de disposições infantis e esclarece:

“Nesse caso, a fonte do sentimento infamiliar não seria o medo infantil, mas um desejo infantil ou até mesmo meramente uma crença infantil. Isso parece uma contradição; é possível que se trate apenas de uma complicação, que, posteriormente, pode auxiliar nossa compreensão.” (FREUD, 1919)

O medo, portanto, é um efeito e não a causa da estranheza. Partindo dessas considerações, podemos voltar à afirmativa de King de que crianças podem ser apresentadas ao horror, porque os contos de fadas e filmes infantis já se revelam portadores desse traço, quando analisamos algumas dessas histórias. A madrasta sempre exerce a figura central de vilã, alguém que odeia os protagonistas. Como ela substitui a mãe nesses contextos, cria-se a expectativa de

que seja alguém capaz de cometer atrocidades. Nada é mais aterrorizante para uma criança do que a perda da figura materna. As mães preferem nunca contar para seus filhos que um dia vão morrer, e quando a criança precisa lidar com a morte, ela espera que isso não aconteça à sua própria mãe. Por isso, suas substitutas são sempre as vilãs da história, sempre interessadas em se livrarem das crianças para serem a figura central na vida do pai ou com outros interesses.

Stephen King comenta ainda sobre como os pais costumam pensar que expor os filhos a produções que envolvem o horror/terror pode ser negativo. Porém questiona o fato de que apresentamos contos de fadas e as histórias clássicas em filmes da Disney para elas, sem dar tanta importância por elementos de horror que elas têm. Segundo King, os contos de fadas e até mesmo suas adaptações cinematográficas suavizadas têm elementos tão assustadores quanto qualquer filme de horror/terror. Porém, os contos de fada, em suas versões processadas pelas indústrias editoriais e de cinema, recebem o aval dos responsáveis, que não veem nada de mais neles.

“Um pai que se espantasse com a ideia de levar seu filho para assistir a *Drácula* ou *A troca* (com a penetrante cena da criança morrendo afogada), provavelmente não faria objeção ao fato de a babá ler João e Maria à criança na hora de dormir” (KING, 1981).

A premissa de King pode ser aproximada do conceito do conceito de *Das Unheimlich*, que Freud vai desenvolver em 1919. Este se refere a algo que é desconfortável, por se relacionar com algo recalcado, mesmo que em suas origens tenha sido familiar, conhecido ou rotineiro. Para conseguir definir de maneira satisfatória esse conceito, Freud parte da análise da transformação linguística dessa palavra. Heimlich é a palavra em alemão utilizada para definir o que é familiar, doméstico, de rotina. Seu oposto seria Unheimlich. No entanto, "unheimlich" carrega em si também o sentido de "heimlich". As duas palavras vão se referir ao familiar, com a diferença de que a última falará de algo que, parecendo desconhecido, desagradável, é também familiar, o que remete ao recalcado. Unheimlich é algo doméstico, algo que está ali, porém para quem sente é algo inquietante.

“Em suma, familiar [heimlich] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [Unheimlich]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar. Juntemos esse resultado ainda não esclarecido com justeza com a definição de infamiliar trazida por Schelling. A investigação de casos específicos do infamiliar tornará compreensível essa alusão” (FREUD, 1919)

A noção de infamiliar pode ser relacionada com a posição da mulher nas mais diversas narrativas da tradição oral. A figura feminina mais velha é comumente colocada nos contos como uma figura má, invejosa, golpista, disposta a cometer as maiores atrocidades contra os

protagonistas da história. Quem tenta matar Branca de Neve é sua madrasta. Quem tenta matar a Aurora, a Bela Adormecida, é uma bruxa mais velha. Quem odeia Cinderela é também sua madrasta. Quem abandona João e Maria é a madrasta. Em todas essas histórias, os homens ou os pais dessas crianças são representados como seres puros, ou pelo menos como não ativos na prática do mal. Podemos, em uma leitura superficial, supor que amavam seus filhos, porém foram corrompidos por mulheres mais velhas e interessadas em seus ganhos pessoais. A leitura desses textos pode conduzir ao entendimento de que esses homens são vítimas, mesmo o pai de João e Maria, que também abandona seus filhos na floresta. A sugestão que prevalece para o leitor é de que ele fez isso porque foi convencido. No polo oposto, as figuras centrais de maldade são a madrasta e a bruxa canibal, o que fica patente no fato de no final elas serem punidas, enquanto ele ganha redenção e a chance de rever seus filhos. Entretanto, problematizando um pouco além dessa primeira leitura, podemos conjecturar que se ele fosse um pai e um homem tão bom assim nunca teria abandonado duas crianças para morrerem na floresta.

Historicamente, mulheres estão mais ligadas ao horror do que os homens, principalmente no papel de vilãs. Na mitologia cristã, é Eva quem convence Adão a comer a maçã, Dalila é quem seduz e leva Sansão à sua ruína. Na mitologia grega, Pandora é quem abre a caixa que Zeus lhe confia e espalha o mal pelo mundo. A figura feminina está ligada à sedução, à magia, à manipulação. O século XVII ficou marcado pelo Julgamento das Bruxas de Salém, que ocorreu no ano de 1693, em Salém, na Nova Inglaterra, nos EUA. Um grupo de mulheres foi condenado por um tribunal religioso por supostamente praticar bruxaria, algo que ia contra os preceitos cristãos. A crença de que pessoas do sexo feminino eram mais suscetíveis ao pecado fez com que mulheres que não tivessem um comportamento padrão naquela sociedade fossem consideradas bruxas.

Em paralelo, podemos perceber que o tema da separação da mãe, figura central de proteção e cuidado, é algo muito presente nas histórias infantis. Além de ser frequente nos contos de fadas, em que o momento de horror é a perda da mãe, a situação se repete em outras histórias infantis, inclusive no universo cinematográfico. Em *Dumbo* (1941) e *Bambi* (1942) temos a perda da figura materna, que faz com que os protagonistas se sintam perdidos e ameaçados pelo que está ao redor. Em contraponto, algumas produções mais recentes vão apresentar diferentes papéis para a mãe. Em *Coraline*, de Neil Gaiman (2002), a garota que dá o título ao livro e cujo ponto de vista conduz a história é uma menina negligenciada pelos pais, que estão sempre muito cansados, trabalhando demais e por isso não têm muito tempo para ela. Entrando em um mundo novo, próximo à sua casa, encontra uma mãe totalmente devotada a

ela, e seu sentimento é de que ali era seu lugar. Porém, mais tarde, ela percebe que essa mãe amorosa e devotada é na verdade um monstro que devora crianças. No filme *Red*, outra produção dos estúdios Disney Pixar de 2022, Meilin Lee, uma menina sino-canadense, se transforma em um panda vermelho quando entra na puberdade. Além da temática da metamorfose nesse período da vida, chama a atenção a relação dessa menina com sua mãe. Esta é uma figura central em sua vida, alguém que Meilin tem pavor de não agradar. Em certo momento do filme, descobrimos que esse padrão de relacionamento também é o que liga sua mãe à sua avó. Temos, portanto, um ciclo de mães que não representam figuras de carinho e proteção, mas sim ameaçadoras e repressoras.

Em *O Jardim Secreto* de Frances Hodgson Burnett (1911), a protagonista Mary precisa lidar com a morte dos familiares e a mudança para a casa do tio. A situação de perder os pais e sua babá para a cólera por si só é assustadora, mas as coisas ficam piores quando ela vai morar na casa de um tio que nunca vê, uma casa com ares de mal-assombrada, em que é possível ouvir gritos e gemidos. Ali, um jardim abandonado foi palco da trágica morte de sua tia. A morte dos familiares de uma criança é um dos temas mais abordados no horror/terror infantil, assim como ser ameaçado por um brinquedo ou lidar com a perda ou com a atitude diferente de algum amigo ou bicho de estimação. Em *Brinquedo Assassino* (1988) temos um boneco que tenta matar uma criança e sua mãe. Em *Cujo* (1981), é o cachorro da família que passa a atacá-los. O clássico *Matilda* (1988) de Ronald Dahl, não obstante o final feliz, tem todos os elementos de uma história de horror infantil. Os pais da menina são pessoas terríveis, que negligenciam a filha e a maltratam, a tal ponto que ela precisa aprender com pouquíssima idade a se alimentar e viver sozinha. Seu primeiro consolo passa a ser a biblioteca, onde ela encontra algo que a distrai e faz com que se sinta melhor. Seu sonho é poder ir para a escola, porém, quando isso finalmente acontece, a diretora Trunchbull é uma mulher que tortura os estudantes e também os professores, entre eles a professora de Matilda, Miss Honey. O livro termina bem, na medida do possível, com os pais da menina admitindo que Matilda era extraordinária demais para ser criada por eles, concordando que ela possa ser adotada por sua professora, por quem passara a nutrir imenso carinho e amor. Ao longo da narrativa, porém, surgem elementos capazes de aterrorizar qualquer criança, a exemplo da cena em que a diretora joga crianças pela cerca, entre outras situações de violência e descuido.

Ao lado das narrativas em que as mulheres são sedutoras e manipuladoras, agindo com violência predominantemente não física, há aquelas em que a literatura de horror/terror coloca os homens como vilões, e principalmente os homens comuns como os condutores da violência.

São homens que agridem fisicamente suas vítimas, como acontece em larga escala na vida real. No cinema, dois exemplos de figuras paternas que se tornam violentas por algum motivo, seja ele sobrenatural ou psicológico, estão em *Horror em Amityville*³ (1977) e *O Iluminado* (1977). No primeiro, uma família se muda para uma casa perfeita, com um preço maravilhoso, porém com uma história macabra de assassinato por trás. Depois de alguns dias, o patriarca da família começa a apresentar comportamentos estranhos e violentos, vindo a ameaçar sua mulher e seus enteados. No segundo, vemos um atormentado escritor, que aceitando um emprego de caseiro em um hotel desativado no inverno, se vê isolado no local, marcado pela história trágica do caseiro anterior, que assassinou toda a família. Assistimos ao agravamento dos problemas de Jack com a escrita e com o alcoolismo, assim como à sua derrocada mental, com um crescente de violência que vem a culminar no ataque em que ele ameaça sua esposa e seu filho com um machado.

Dentre os motivos literários frequentes na literatura de horror/terror temos ainda o da representação de minorias como os monstros das histórias. Como já destacado, o papel da mulher em diversos textos narrativos é problemático, já que muitas vezes, ela comparece como a bruxa ou a vilã. Da mesma forma, acontece com pessoas LGBTQI+, como em *O Silêncio dos Inocentes* (1988), de Thomas Harris, livro em que a agente do FBI Clarice Sterling precisa contar com a colaboração do notório assassino Hannibal Lecter para prender um serial killer, representado por uma pessoa transexual. Há também o clássico vilão deficiente físico ou mental, como ocorre em *Sexta-Feira 13* (1980). Jason é uma criança com deficiência mental, que acaba sendo negligenciada em um acampamento e morre afogada, o que leva a que mais tarde sua mãe e mais tarde ele se dediquem à vingança. Na direção contrária dessas abordagens, vemos crescer a produção de narrativas de horror/terror de autoria e temáticas ligadas às minorias. Em 2020, tivemos o lançamento do filme brasileiro *M8-Quando a Morte Socorre a Vida*. Dirigido por Jefferson De e baseado no livro de mesmo nome escrito por Salomão Polak, conta a história de Maurício (Juan Paiva), um jovem negro que entra na faculdade de medicina. Na primeira aula de anatomia, ele vê o cadáver M-8 e entra em uma jornada de mistério para descobrir de quem é aquele corpo. As situações cotidianas de racismo que o personagem principal vive, como a agressão de policiais, a percepção de que ele é o único aluno negro de sua sala, tendo suas capacidades acadêmicas questionadas por ser negro e cotista são situações de terror que o personagem vive.

Podemos perceber que recentes narrativas de horror/terror aliadas a problemas sociais e individuais projetam monstros muito mais próximos da realidade. Narrativas femininas nesse

gênero destacam as questões do corpo feminino, abordando as maneiras que homens encontram para violá-lo. Assim como em *M8* encontramos a violência de pessoas brancas contra as negras, podemos pensar que, assumindo a autoria em produções de horror/terror, as minorias trariam novos monstros e figuras mais comuns no cotidiano nesse papel. O machismo, o racismo, a lgbtfobia são estruturas recalcadas pela nossa sociedade. Temos, no Brasil, o mito da democracia racial, segundo o qual o racismo não existe em nossa sociedade, em que, graças à miscigenação, todos seriam iguais. Porém, ao ligar o jornal todos os dias, vemos algum caso espantoso de racismo, e a repetição da violência policial cometida contra pessoas negras. Elza Soares nos lembra em uma de suas canções que “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. Não teríamos de estranhar, portanto, que narrativas contemporâneas, principalmente se escritas por representantes de minorias, tematizem a opressão da sociedade contra elas em histórias de horror/terror.

Ainda pensando no horror/terror familiar, nosso último grande tópico clássico são as crianças ou idosos que são possuídos pelo demônio, ou os próprios filhos deste. O uso dessas figuras sociais como principais vilãs de filmes ou livros de terror não é aleatório, estando ligado à imagem social que fazemos desses grupos. Começamos observando serem grupos paralelos, um ligado ao início da vida e outro ao fim e que são, por suas características, um pouco marginalizados pela sociedade. As crianças são tidas como seres que precisam emular vontades, desejos e sentimentos esperados por pessoas adultas, sendo por isso um alvo fácil de dominação. Já sobre os velhos recai a expectativa de que tenham durante a vida correspondido à moral, e sofrem por falta de inserção satisfatória na sociedade. Os indivíduos de ambos os grupos, porém, são considerados fofos, inocentes, tendo suas imagens atreladas a um ideal de pureza. Por isso, produz surpresa quando encontramos narrativas em que avós matam, sequestram ou atacam seus netos, ao invés de levá-los para passeios divertidos ou fazer biscoitos. Da mesma forma, é esperado que não exista maldade em crianças, e por isso ainda é um tabu apresentá-las como vilãs de alguma história. O livro *Menina Má: Nascemos Todos Inocentes e Somos Corrompidos pelo Mundo à Nossa Volta?* (1954) de William March traz a história de uma mãe que descobre que sua filha pode ser uma psicopata impiedosa e cruel. Além da vivência da suspeita, a mãe é objeto de autocondenação, acreditando que o motivo da maldade de sua filha é seu próprio sangue amaldiçoado. Pode parecer evidente, principalmente a partir da pesquisa psicanalítica, que crianças sejam capazes de sentir ódio, porém a sociedade ainda cerca essa possibilidade de tabu. Nesse sentido, constatamos, em relação às crianças, a presença social de

um sentimento de infamiliaridade, ligado ao recalque que impede que as vejamos como seres que sujeitos a sentimentos ruins

Ao conceituar o Infamiliar como algo da ordem do muito familiar, Freud nos abre a possibilidade de ligar o efeito característico produzido nas histórias de horror/terror a experiências e sentimentos presentes, embora recalcados, na esfera social. Dessa forma, podemos nos valer desse conceito freudiano para investigar sobre as formas pelas quais o gênero tem se constituído na literatura brasileira.

3.3- O HORROR/TERROR BRASILEIRO

No conto de Lygia Fagundes Telles de 1988, *Venha Ver o Pôr-do-Sol*, temos a história de Raquel e Ricardo, dois ex-amantes que se encontram em um cemitério abandonado para conversar sobre o fim da relação e como seriam suas vidas a partir de então. A ideia do local em que esse encontro acontece não deixa de causar certo estranhamento, entretanto justificado pelo fato de que Ricardo não está bem financeiramente e ali não pagariam nada. Desde o início, fica claro que Raquel tem outra condição social, e que o motivo do término esteve ligado à situação de Ricardo. Esse conto foi publicado quando o Brasil passava pelo processo de redemocratização. A economia estava avançando, porém ainda eram bem altos os índices de desigualdade social no país. No conto, Raquel escolheu outro companheiro pelo que ele poderia lhe proporcionar, oferecendo-lhe a vida de luxos e conforto que ela desejava. De início, a leitura nos envolve na atmosfera de um último encontro romântico e furtivo, mas à medida que vamos nos aproximando do final, percebemos que a história nos conduz a outra coisa. De maneira muito sutil, é possível perceber nos pequenos gestos e falas de Ricardo que aquela situação pode não ser tão amigável. A linguagem com que o personagem expõe sentimentos é bem marcada, deixando claro não só que Ricardo a amava como que saiu muito magoado do término. Além disso, a descrição de solidão e abandono, as mudanças em sua feição, o modo como sua face ganha expressões mais sombrias à medida que Raquel vai revelando sua nova condição de sua vida, seu casamento, fazendo elogios ao seu noivo, gratificada com a perspectiva de uma nova situação financeira. Raquel gostava de Ricardo, tinham vivido momentos felizes juntos, e isso pode explicar que o encontro em um cemitério isolado tenha sido aceito.

“Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.”
(TELLES, 1988)

À medida que o casal caminha para o interior do cemitério abandonado, a sensação de que algo pode estar errado vai começando a se manifestar no leitor. As mudanças de Ricardo vão ficando menos sutis, e podemos perceber que seu discurso é estranho, e passar a nos questionar sobre o interesse dele em levá-la a um mausoléu do cemitério, que ele alega ser de sua família. Então, ele começa a distraí-la contando da prima com quem ele teve uma relação, que foi a única que o amou, tendo morrido muito cedo e sido enterrada naquele local. Nesse enredamento, ele vai saindo da catacumba, e é quando Raquel percebe que algo estranho está acontecendo. Ricardo fecha o portão, e a tranca ali. A cripta era isolada, escondida e ninguém ia até aquele cemitério já abandonado; apenas crianças brincavam nele. Os gritos de Raquel vão ficando mais abafados, enquanto ele sai do local. O leitor compreende que ele a deixou ali para morrer, por não aceitar que ela estivesse com outro.

Podemos estabelecer uma comparação entre esse conto e o livro *Dias Perfeitos* (2014) de Raphael Montes, já que ambos falam de violência contra mulher cometida por parceiros ou, no caso do romance, pretendidos parceiros destas. No livro de Raphael Montes, o estudante de medicina Téo conhece Clarice, uma aspirante a roteirista. Imediatamente, ele se convence de estar apaixonado, entendendo que o que aconteceu entre eles foi um encontro de almas, e passa a persegui-la. Quando ela percebe o que está acontecendo e o rejeita, ele a sequestra, conforme supõe, a fim de fazê-la se “apaixonar por ele”.

“A gente faz mesmo coisas sem sentido. Não sei por que estou aqui, Clarice. Apenas sei que quero estar, entende? Gostei de escutar o que você disse ontem. Mas também não sei por que gostei. Apenas quero, apenas gosto. Gosto de você. E quero que o que você disse pra sua mãe seja verdade, que não seja só pra dar um pouco de alegria pra velha.” (MONTES, 2014)

Durante toda a narrativa, conduzida pelo ponto de vista do próprio Téo, temos acesso exclusivamente aos seus pensamentos e sentimentos frente às situações. Em seu entendimento, todos os atos de violência cometidos contra Clarice são puramente parte do processo de construção do sentimento dela por ele. Justifica cada ato considerando que tudo que faz não é pior do que o que ela causa a si mesma, interpretando de forma singular e flagrantemente distorcida o comportamento de uma jovem de 22 anos. Em certa passagem da história, ele julga Breno, o namorado de Clarice, um homem abusivo, com base no fato de ter-lhe dado um apelido e por ter ficado preocupado e procurado a moça quando, já sequestrada, deixa de responder às suas mensagens. Assassinando Breno quando este chega ao esconderijo em que a mantém, Téo prossegue acumulando atitudes violentas, chegando ao ponto de aleijar irrecuperavelmente sua amada, para mantê-la para toda a vida ligada a si. Em todo esse processo, que inclui o

assassinato da própria mãe, ele enxerga suas atitudes como normais, parte do processo de amar e conviver com a pessoa amada.

Acredito que a primeira grande discussão que essas duas obras podem desenvolver em sala de aula começa com a abordagem da violência contra a mulher. Todos os dias, quando ligamos a TV, querendo saber a previsão do tempo ou sobre o trânsito, surgem pelo menos uma Clarice e uma Raquel, mulheres vítimas de homens que sempre pareceram confiáveis, não só para essas mulheres como para as pessoas que as cercam. Homens muitas vezes familiares, que estavam no convívio cotidiano dessas mulheres. No livro de Montes, vemos como Téo convence facilmente Helena, a mãe de Clarice, não só de que ele era uma ótima pessoa, como de que tudo que aconteceu foi apenas um acidente ou algo que a jovem queria. A narrativa nos leva a questionar como todos estão prontos a confiar tão rápido e tão facilmente na palavra de alguém que surge de repente na vida da moça e se apresenta como seu namorado. Após as mutilações, e da perda da memória por parte de Clarice, Téo é a única pessoa que pode falar e depor sobre o desaparecimento do antigo namorado, e não há muito esforço para questionar o personagem. O fato de ser um homem branco, oriundo de uma família de classe alta, com um pai com alto cargo político, ser graduando de medicina, faz com que praticamente todos os que estão à sua volta e da moça se deixem convencer de que se trata de alguém confiável e necessário na vida de Clarice. Quando, por exemplo, conduz Clarice no carro dopada para vários locais, nenhuma das pessoas, incluindo policiais, que veem a cena, suspeitam de qualquer coisa. Quando Helena descobre o que supostamente aconteceu com o namorado de Clarice, essa senhora de classe alta cuida para que qualquer evidência que possa incriminar Téo seja apagada, e assim a morte do rapaz é rapidamente esquecida. Apesar de não haver caracterização detalhada do personagem Breno, sabemos que ele era um músico pobre que namorava a moça, sem aprovação dos pais. A narrativa deixa claro que sua família está propensa a entregá-la a algum pretendente de sobrenome importante e respeitado na classe alta. A mãe da moça, personagem importante na trama, encarna essa mentalidade de classe. Mãe e filha têm uma relação complicada, porém ao passar dias sem vê-la, só tendo contato com Téo, é incapaz de questionar de forma decidida a presença desse homem, que jamais a deixa falar com a própria filha. Mesmo não sendo ingênua, Helena tende a dar crédito para a história que ele inventa, sentindo-se mais confortável quando descobre a identidade de seu pai. Diante da suspeita sobre o destino de Breno, seu comportamento a revela como capaz de convivência com o crime. As duas narrativas, portanto, dão margem para a instauração de discussões de classe e gênero, que

atravessam as bases fundadoras de nossa sociedade, permitindo um trabalho de construção de olhares críticos para os preconceitos e recalques enraizados em nossas mentalidades.

As produções de horror/terror brasileiras bebem, sem dúvida, nas referências estrangeiras, mas há autores que nos levam à descoberta do que causa horror em nosso próprio espaço geográfico e social. O escritor Braulio Tavares defende no podcast *451 MHz: O Podcast dos Livros* que não precisamos pensar no que vem de fora quando buscamos motivos para a produção de literatura de horror/terror ou fantástica. No Brasil, não só os mitos, mas nosso próprio contexto histórico fornece ambientes em que histórias do gênero podem ser ambientadas. Já citamos o golpe militar e as eleições de 2022 e seus desdobramentos como momentos em que o terror e mesmo o horror esteve presente, mas podemos elencar outros: a colonização é um momento perpassado pelo horror, assim como o genocídio da população indígena, o assassinato de pessoas negras por autoridades policiais, a violência contra mulher, os ataques às populações carentes, as violações de direitos dos povos originários. Não precisamos de monstros abomináveis de fantasia; temos uma realidade em que atrocidades são cometidas com o aval de figuras de poder do nosso país e produzem efeitos cuja representação não ficaria a dever às que as produções midiáticas oferecem ao público.

Em adição, podemos pensar em como a literatura de horror/terror pode ser uma aliada do professor, não só para o trabalho com problemas históricos e sociais, mas também para o incentivo à leitura e a escrita, seja de outras obras de horror/terror, seja de literatura em geral. Como já assinalamos, o horror está presente em diversos gêneros literários em alguma medida, e até mesmo na Bíblia. O interesse manifestado pelo público em geral e pelos jovens por casos criminais indica que há espaço, na escola, para discutir os problemas que subjazem à nossa constituição e dinâmica social. Algumas cidades do país têm os chamados “Passeios Assombrados”, cujo itinerário é composto por locais associados a mitos e lendas urbanas, ou que possuem histórico criminal. Em São Paulo, por exemplo, o Edifício Joelma, palco de uma grande tragédia nos anos 1970, recebe até hoje curiosos e interessados em investigar as lendas tecidas sobre o prédio, antes e após a tragédia. Figuras folclóricas como a Iara, o Curupira ou o Saci Pererê foram apropriadas pela série *Cidade Invisível* (2019) na construção de uma história de suspense passada no Brasil. Lendas de várias regiões do país, como a Loira do Banheiro, que pode ser invocada nos banheiros das escolas, ou a Pisadeira, mais conhecida em cidades interioranas, mulher com garras e aparência grotesca, que fica nos telhados, e ataca pessoas que comeram demais e foram dormir de estômago cheio habitam o nosso imaginário.

Uma das obras literárias que explora esse universo da fantasia folclórica é a antologia chamada *Sete Monstros Brasileiros* (2014), do já citado Bráulio Tavares, composta de histórias contadas de pai para filho sobre sete monstros brasileiros. Defensor do gênero de terror/horror ambientado no Brasil, o autor trabalha com lendas oriundas principalmente do interior do país, mesclando-as com criaturas inventadas. Em *A Sétima Filha*, comparece o mito do Lobisomem, muito difundido em cidades interioranas. Na trama, uma mulher descobre que o padre que a batizou foi excomungado, a partir do que todos os atos como padre foram invalidados. Por ser a sétima filha da família, ela precisava, de acordo com as crenças que cercam o mito, ser batizada pelo seu irmão mais velho, o primeiro filho, a fim de escapar à maldição de transformar-se em lobisomem. No entanto, essa descoberta faz com que ela vire o monstro. Em outro conto, *O Bradador*, o auditor de uma empresa carioca parte a trabalho para uma cidade do interior de Minas. Lá ele toma contato com o Corpo-Seco, lenda originária de cidades sudestinas, sobre um homem que cometeu tantas atrocidades em vida que, quando morreu, nem o céu, nem o inferno quis recebê-lo, e por isso fica vagando pelo mundo dos vivos, com o corpo todo ressecado.

O livro de contos *Feliz Ano-Novo* (1975), de Rubem Fonseca, foi censurado pelos militares, por supostamente atentar contra a moral e os bons costumes. Na obra, a violência urbana aparece como pano de fundo para a tematização da desigualdade social. No conto que dá título ao livro, um trio de homens, em uma noite de ano-novo carioca, resolvem assaltar uma casa de luxo em São Conrado. Lá encontram poucas pessoas em uma festa, arrancam o dedo de uma das convidadas para pegar seu anel, violentam mulheres, matam alguns homens e levam a comida. A narrativa nos insere em uma discussão de classe, apontando para a violência a que a fome e a falta de perspectiva podem levar um ser humano. Um dos convivas é morto por ter se levantado para dizer que eles podiam levar o que quisessem, que não chamariam a polícia. Os assaltantes concluem que aquelas pessoas eram tão ricas que não se importavam com o que pudesse ser levado naquela noite; ainda assim, teriam muito mais do que eles, que passavam fome.

Outros dois escritos do mesmo volume merecem ser destacados: *Passeio Noturno I* e *Passeio Noturno II*, que exploram a rotina de um empresário, sócio de uma grande empresa. Chegando de um dia de trabalho, encontra sua mulher está jogando paciência, enquanto bebe um uísque. Ela queixa-se de que não entende o motivo de ele se estressar e trabalhar tanto, visto que deve ganhar o mesmo que seus outros sócios. Sua reação é ignorar e pensar no desprezo que ele sente por ela. A cena, que se desdobra no jantar com os filhos, introduz o clima do

conto, pondo em destaque os sentimentos desse homem em relação a sua própria vida. Após o jantar, ele sai com seu Jaguar para dar uma volta, com o objetivo de se acalmar. O leitor descobre então que, como parte da rotina do personagem, nesses passeios ele atropela pessoas que encontra caminhando na rua. Para descarregar a tensão cotidiana, ele se vale, como um hábito, do expediente de achar uma pessoa sozinha em uma rua escura e vazia e passar por cima dela com seu carro. Ao chegar em casa, o homem não só se sente mais relaxado com sua rotina, mas contente quando constata, ao passar a mão na lataria do carro, que, mesmo com o impacto da violência, esse continua intacto. Supõe-se que aí esteja o gozo de que esse homem precisa para poder continuar seguindo sua rotina.

Ao abordar algumas obras nesta seção, pretendemos ressaltar que a literatura brasileira de horror/terror explora situações e experiências que podem ser associadas à categoria do infamiliar freudiano, destacando e produzindo efeitos que podem ser relacionados com o estranho presente em nossa própria vida social. Muito do que ela trata está contido na rotina dos cidadãos brasileiros, como tentamos mostrar.

4. A RECEPÇÃO DO HORROR/TERROR E SEU USO NA SALA DE AULA

4.1 A RECEPÇÃO DAS NARRATIVAS DE HORROR/TERROR

Há um interesse especial dos adolescentes no horror, seja ele sob a forma de produções audiovisuais ou impressas. Lembro de que desde pequena meus livros favoritos eram os de mistério, em que eu ficava animada para resolver crimes ou entender situações sobrenaturais. No artigo *Quando o Olhar é Capturado: O Interesse dos Adolescentes pelo Cinema de Horror na Atualidade: A Adolescência e suas Imagens*, a psicanalista Natalia Dalla Côte Cantarelli (2015) relata um estudo com grupos de adolescentes de 12 a 17 anos em Escolas Estaduais do Rio Grande do Sul, em que analisa o início do contato dos adolescentes com produções desse gênero, refletindo sobre a experiência e os efeitos que os filmes exerceram em sua expressão, simbolização e no modo de compartilhar experiências relacionadas.

As informações coletadas foram divididas em duas categorias. Na primeira, intitulada “*O horror no lugar da ausência*”, estudam-se os “conteúdos particulares dos sujeitos associados à sinistra cumplicidade com o horror fílmico” (p.4). A autora avaliou a idade dos quando primeiramente foram expostos a esse gênero, e de que modo suas produções voltaram a ser abordadas na adolescência. Observou os casos de crianças que foram expostas a esse conteúdo por algum membro da família – geralmente irmão, primo, tio, na ausência dos pais. Os relatos enfatizam a lembrança forte de que o horror era apresentado em um momento em

que os pais não estavam fiscalizando, ou seja, na ausência destes. Em *Do horror solitário ao laço simbólico*, a autora afirma ter descortinado um tipo de experiência que “aponta para a possibilidade de expressão de conteúdos particulares, permitindo a produção de laço pelo enlace entre o mundo interno e o mundo compartilhado” (p.4). Os adolescentes da pesquisa ressignificam o trauma de assistir a esse gênero na infância, encontrando formas particulares de expressar isso. Na adolescência, acabam por preferir assistir a filmes do gênero sempre na companhia de amigos ou irmãos, porque gostam da sensação de compartilhar os sentimentos de medo, desconforto, angústia e do estranho com alguém de sua confiança.

Como já salientado neste trabalho, consideramos que a compreensão das questões sociais é importante para a apreciação de produções de horror/terror. Os vilões, os monstros, o mal-estar e a infamiliaridade que dominam essas narrativas, porém, serão apropriados de formas singulares, a depender do contexto de formação e socialização de cada aluno. Dessa forma, a exposição ao gênero pode dar ensejo a novos encontros dos sujeitos com seu próprio sofrimento e mal-estar e possibilitar novas formas de sublimação. Quando nós ou a sociedade escolhemos assuntos a serem proibidos por serem tabu ou por despertarem sensações consideradas negativas, trabalhamos para manter recalcadas determinadas dimensões humanas e também determinadas contradições sociais. Na contramão disso, e não por acaso, diversas autoras femininas, como Cláudia Lemes, Patrícia Melo, Myriam Campello vão abordar o tema da violência cometida por homens contra seus corpos. Autores negros apresentarão o racismo ou a violência policial como o monstro. No contato com essas obras, cada aluno poderá lidar com questões próprias e, como leitor ativo, capaz de associar e metaforizar as situações ficcionais relacionando-os com outras, direcionar seu monstro para algo recalcado que pertença à sua própria vivência.

O primeiro conto que publiquei como autora se chama *Vinte* (2019) e tem como tema a perfeição e o prazo de validade que mulheres têm perante a sociedade. A personagem principal sente que o fato de ficar mais velha e começar a ser deixada de lado está ligado a uma maldição e não ao fato de que, perante a sociedade patriarcal, acaba por ser vedado às mulheres o direito de envelhecerem com dignidade. No final, ela assassina uma moça mais jovem, encontrando nessa solução a única forma de voltar a ser jovem e importante.

Para permitir que um trabalho produtivo com histórias de horror/terror possa acontecer é importante que os alunos conheçam como se constrói esse tipo de narrativa. Seus elementos constituintes precisam ser abordados de forma aprofundada. Assim sendo, é esperado que os alunos necessitem da leitura de mais de um conto de horror/terror, para que consigam ser

capazes de analisar como a história se transformou, que elementos utilizou, como chegou a produzir o sentimento de medo, como produziu desconforto. Por isso, faz-se necessário pensar em projetos que vão além de “uma aula de conto de horror/terror”, e que integrem a abordagem experiencial, a familiarização com conceitos literários, históricos e sociais. Trazer toda a complexidade constitutiva do gênero, de modo organizado, em uma sequência de atividades, é essencial para que se possa explorar suas potencialidades educativas.

O primeiro cuidado deve ser com a construção de um ambiente seguro para que os estudantes se sintam encorajados a abordar algo subjetivamente mais profundo em suas leituras e produção escrita. Sustentar um espaço em que os jovens possam expor seus próprios monstros, desconfortos, angústias é indispensável. Para isso, é necessário convidá-los a transformar sua relação com os chamados sentimentos ruins, tais como medo, raiva, tristeza, que acabam por ser negligenciados na vivência social.

Em estudos teóricos é de praxe que reflitamos sobre a temática abordada, as escolhas narrativas, o ponto de vista etc. Entretanto, para a abordagem da Literatura de Horror/Terror, há que levar em conta seu impacto sobre a percepção e as reações do leitor. No artigo *O horror na ficção literária: Reflexão sobre o "horrível" como uma categoria estética*, o Prof. Dr. Júlio França registra que “Na perspectiva de Lovecraft, o critério final de autenticidade de uma obra de horror não é o enredo, mas o tipo de sensação que ela é capaz de produzir” (FRANÇA, 2008, página 5). Nessa direção, podemos considerar que o critério mais importante para o julgamento de uma obra de horror/terror não será necessariamente o enredo ou as características estilísticas do texto, e sim o tipo e a intensidade das reações que é capaz de provocar, se de fato despertou sentimentos de medo, desconforto, estranhamento, angústia no processo de recepção. O autor aponta para problema teórico que tais considerações levantam, caso se consolide a ideia de que a narrativa de horror e terror só poderia ser considerada boa se deixasse as pessoas com medo.

“Afirmar que a reflexão crítica da narrativa de horror funda-se na recepção das obras implicaria dizer que a caracterização do gênero se dá menos pela observação de aspectos textuais e mais pela descrição das sensações experimentadas pelos leitores. Os efeitos de leitura determinariam tanto o juízo ontológico sobre a obra – se determinada narrativa seria ou não uma obra de “horror” – quanto seu juízo crítico – quanto mais medo inspirasse no leitor, mais bem sucedida ela seria.” (FRANÇA, 2008, página 1)

Tzvetan Todorov nos fornece pistas para a continuidade dessa discussão. Em *Introdução à Literatura Fantástica*: “O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero

vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (1970 p.16). Para o autor, o fantástico está ligado ao que não pode ser explicado de forma racional. Partindo do mundo real, do conhecimento de mundo compartilhado por autor e leitor já trazem, trabalha com a sugestão de que elementos sobrenaturais ou mágicos podem estar por trás das ocorrências.

Segundo Todorov, uma das condições necessárias para caracterizar uma obra como fantástica é que ela leve o leitor a ficar em dúvida não só sobre os personagens, mas sobre o mundo inteiro que está presente na narrativa, dividido entre uma explicação natural ou sobrenatural dos fatos. Os textos fantásticos aproximam o sobrenatural e o natural. Neles, tanto os personagens quanto os leitores reflexivos sobre o que está acontecendo.

Todorov discorda da declaração de Lovecraft que acabamos de citar. O autor se mostra contrário aos críticos literários que a adotam, citando como exemplos de textos fantásticos que não produzem medo alguns contos de fadas, ou textos com animais falantes. Sobre essa controvérsia, França se posiciona: “Todorov desconsidera aqui que Lovecraft fala na sensação do medo por estar refletindo sobre a literatura de horror, especificamente a de horror sobrenatural, e não sobre o fantástico” (p.6).

Todorov trata a literatura de horror/terror como um subgênero da literatura fantástica, o que, do ponto de vista que nos interessa, neste trabalho, não se torna produtivo. Apoiada nos conceitos freudianos de mal estar e de infamiliar, entendo que nem sempre as narrativas de horror/terror estão diretamente ligadas ao que é mágico e sobrenatural. Muitas das histórias do gênero histórias podem estar ligadas a sentimentos experimentados no cotidiano, ao recalque e a coisas que podem ser explicadas, e não ao sobrenatural ou à incerteza de tratar-se de algo dessa ordem, como propõe Todorov. Parte dos exemplos que trouxe nessa monografia deixam claro que os elementos de horror/terror relacionam-se com aspectos da natureza humana, e não a vampiros, fantasmas ou demônios.

Comentando a teoria do Sublime de Edmund Burke, França pondera que, segundo este autor, sentimentos de desconforto, angústia e dor se sobressaem na experiência do leitor, sendo mais lembrados e por vezes até mais valorizados do que sentimentos positivos. No Sublime, há um medo ligado ao prazer, que pode ser denominado deleite.

A recuperação do debate dos estudiosos sobre a literatura de horror/terror revela-se de importância para que se possa discutir a presença do gênero na sala de aula. Havendo, ao que parece, marcado interesse dos adolescentes e pré-adolescentes nesse gênero, fez-se necessário

revisitar alguns aspectos da discussão que são essenciais para entendimento do tema e para os desdobramentos práticos pretendidos com esta pesquisa.

4.2 SUGESTÕES PARA ABORDAGEM DO HORROR/TERROR NA SALA DE AULA

Além de Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Raphael Montes e Bráulio Tavares, podemos destacar, entre os autores que escrevem sobre horror/terror brasileiro, Cesar Bravo. Seus livros trazem histórias de horror ambientadas no Brasil, em cidades fictícias do interior de São Paulo, misturando a realidade com entidades que integram mitos brasileiros. *Ultra-Carnem* (2019), dividido em quatro contos articulados, traz a história de Wladimir Lester, uma criança cigana que vai assombrar a cidade fictícia de Três Rios em São Paulo em quatro contos e a levará a um declínio. Em outro livro *VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue* (2019), o narrador, tomando como base uma fita VHS, apresenta diversas histórias assombradas relativas à mesma cidade contadas. Outro escrito do autor está presente na antologia *Narrativas do Medo* (2021), reunião de dezoito histórias de horror/terror brasileiro que destacam e privilegiam os nossos mitos e situações ocorridas de acordo com nosso contexto social. Os temas desenvolvidos nos contos podem ser trabalhados em turmas mais maduras, como as de 9º ano ou Ensino Médio, podendo ser articulados ao trabalho de Ciências Sociais.

Com os mais novos, há opções de livros de horror/terror menos violentos, sem descrições pesadas de violência. Como aluna do 8º ano do Fundamental, participei de um projeto que articulava um livro e um filme, com histórias semelhantes, culminando na autoria de uma história. Na mesma linha de trabalho, a coleção *Os Karas*, de Pedro Bandeira, sobre um grupo de amigos de uma escola da elite de São Paulo que investigavam crimes ou situações estranhas, pode ser uma escolha. O primeiro livro, *A Droga da Obediência* (1984), história de um grupo de estudantes sequestrados para serem cobaias de um experimento com uma droga, cujo efeito é fazer com que se tornem menos rebeldes e mais obedientes, pode ser associado ao filme *Comportamento Suspeito* (1998). Neste, estudantes são sequestrados pelo psicólogo da escola, e transformados em estudantes modelo, que obedecem sem questionar, têm ótimas notas e são alunos de honra. Com base na leitura das obras, é possível desenvolver reflexões sobre obediência, sociedade, comportamento de adolescentes, e criar condições para uma produção escrita.

Outra autora cuja produção nos parece adequada para os anos finais do Fundamental é Lúcia Machado de Almeida, *O Escaravelho do Diabo*, lançado no ano de 1956, conta a história

de Alberto, que passa a investigar, junto com o Inspetor Pimentel, o assassinato de seu irmão Hugo e de outras pessoas da cidade. As vítimas são todas ruivas e receberam um escaravelho em uma caixa, antes de morrerem. Em 2016, o livro foi transformado em filme. Acreditamos que um projeto centrado nas duas obras permitiria a construção de hipóteses e a discussão sobre a solução do caso, como ponto de partida para a escrita de uma história de mistério. A *Coleção Vaga-Lume*, de que fazem parte este e outros livros de horror/terror, Fornece alternativas para o trabalho com turmas dos Anos Finais do Fundamental. Entre esses, destacamos *Um Cadáver Ouve Rádio* de Marcos Rey, história da investigação da morte de um sanfoneiro chamado Alexandre, encontrado morto perto de um rádio ligado.

Corroborando nossa hipótese, passamos agora a relatar alguns que têm explorado a literatura de horror na educação básica, com boa aceitação. No campus São Cristóvão, do Colégio Pedro II, a professora Liliane Machado tem coordenado um projeto para trabalhar literatura de horror/terror na sala de aula. Em seu podcast *Língua Livre*, podemos ouvir episódios com leituras dramatizadas, feitas pelos estudantes, de contos de Raphael Montes, Rubem Fonseca e outros autores. Em outro projeto, a professora articulou a leitura de *Dias Perfeitos* à de *5 Minutos*, de José de Alencar, promovendo a escrita criativa de horror/terror.

Encontramos um exemplo de proposta de abordagem de literatura de horror em sala de aula no livro do 8º ano do Fundamental do *Sistema de Ensino Piaget*, utilizado por algumas escolas particulares do Rio de Janeiro. Em uma das atividades, propõe-se a escrita de um conto de suspense, com base no conto *Venha Ver o Pôr do Sol* de Lygia Fagundes Telles. A unidade contém uma apresentação do conto, seguida de uma discussão sobre a construção do suspense no texto, passando à sugestão de atividade aos alunos. Infelizmente, porém, a proposta contém esse único texto, sem sugestões de outros autores que, como consideramos, seria necessário conhecer, para que houvesse melhor apropriação do gênero pelos estudantes, assim como ampliação das discussões.

No Colégio de Aplicação da UERJ, o coletivo *Bliss*, coordenado pelo professor Lucas Matos, oferece um trabalho de oficina virtual de poesia. Em troca de e-mails no curso desta pesquisa, o professor relatou que o objetivo do projeto não era abordar o terror. Porém uma situação inusitada tomou a atenção de todos no primeiro dia. Um grupo de pessoas na Cracóvia relatou ter visto uma espécie de lagarto pela janela e, apavoradas, se esconderam, chamando as autoridades, que descobriram que se tratava de um croissant jogado ali por alguém de um apartamento mais alto. Com isso, os integrantes da oficina passaram a pensar na discussão sobre

o medo, lançando mão de materiais como a tradução de Machado de Assis do poema *O Corvo*, escrito por Edgar Allan Poe.

Em 2022, atuando como estagiária na Rede Elite de Ensino, tive a função de monitora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, que incluía fazer substituições de professores, tirar dúvidas e atuar no contraturno. Em duas turmas, uma de 9º ano e uma de 1º ano do E.M. levei literatura de horror/terror. Na primeira, em que, substituindo um professor, fiquei três tempos de aula, fizemos a leitura do conto *Venha Ver o Pôr do Sol* de Lygia Fagundes Telles e assistimos a alguns curtas que abordavam o horror/terror no cotidiano, com o objetivo de promover discussões sobre o medo e o desconforto. A ideia era que os estudantes pensassem na recepção singular do horror, observando como cada um seria afetado com aquelas narrativas. Refletimos sobre como nem sempre o horror inclui o medo, podendo ligar-se a outros sentimentos. Alguns alunos relataram não ter sentido medo, mas se sentiram desconfortáveis com o que viram. Outros acharam que o conto incluiria algo de sobrenatural, percebendo o engano ao descobrir que o conto tratava de um feminicídio. Na turma de 1º ano, os alunos relacionaram o conto de Lygia Fagundes Teles a textos que estavam lendo em seu tempo livre, ou a filmes que assistiram. Alguns revelaram que achavam filmes de *serial killers* meio chatos, mas que sentiam muito medo quando partiam para o sobrenatural.

Em todas essas experiências, fica claro que há interesse dos alunos dos anos finais do Fundamental e do Ensino Médio por narrativas de horror/terror, sejam elas em livros ou em filmes, e que haveria espaço para explorar mais esse gênero pedagogicamente do que se costuma. De acordo com os educadores que desenvolveram projetos envolvendo literatura de horror/terror, o trabalho trouxe algum benefício, despertando interesse dos alunos em discutir os temas abordados na obra, em produzir escritas sobre ou ler outras narrativas do gênero. Havendo interesse em estimular nossos alunos a escrever diferentes gêneros de texto, acreditamos que o horror/terror pode levá-los a explorar diferentes temas relevantes e acessar sentimentos, como talvez só a arte seja capaz de fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da Literatura de Horror/Terror, assim como da Fantástica em sala de aula também abre caminhos para a reflexão sobre a leitura em geral, a leitura literária e seu ensino. Pode ser algo interessante que comecemos a questionar se gêneros pouco estudados em sala de aula, por não serem canônicos, não podem ser eficientes maneiras de formar leitores e ensinar literatura.

Ao fim desse trabalho, gostaria de considerar que ele é somente um início de jornada, apresentando uma provocação sobretudo a mim mesma, como futura professora, sobre um gênero que sempre me cativou, e que parece fazer sentido pensar para a sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

451MHz O Podcast dos Livros 74: A Literatura Brasileira de Horror. Entrevistados: Braulio Tavares e Cristhiano Aguiar. Entrevistador: Paulo Werneck. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 28 out. 2022. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/0ENQ2fpOESfBT5rtLLchAA>

KING, Stephen. Dança Macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

RADCLIFFE, Ann. On The Supernatural in Poetry. New Monthly Magazine, Inglaterra, Volume 16, no. 1, p. 145-152, 1826.

HALLOWEEN. Direção de John Carpenter. Califórnia: Compass International Pictures, Falcon Films. 1978. Globoplay (91 min).

THE Blair Witch Project. Direção de Daniel Myrick, Eduardo Sánchez. Maryland: Haxan Films. 1999. HBO Max (81 min).

A BRUXA DE BLU. São Paulo: Editora Globo, 179, 2001.

Língua Livre Podcast 04: Fazendo um Suspense, com Raphael Montes. Entrevistado: Raphael Montes. Entrevistadores: Vivian Paixão e Liliane Machado. Rio de Janeiro. 06 Jun 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2DRhbkfvptzYZosiEPqyB>

BARBARIAN. Direção de Zach Cregger. Detroit: Hammerstone Studios, Regency Enterprises. 2022. Star Plus (102 min).

O Dia em que a Terra Parou, Direção de Robert Wise. Washington D.C.: 20th Century Studios. 1951. DVD (92 min).

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2007.

O BABADOOK. Direção de Jennifer Kent. Canadá e Austrália: Causeaway Films e Screen Australia. 2014. DVD (94 min).

O EXORCISTA. Direção de William Friedkin. Maryland: Warner Bros. 1973. HBO Max (132 min).

BLATTY, William P. O Exorcista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1972.

FREUD, Sigmund. Obras Completas Volume 18: O Mal-Estar na Civilização e Outros Textos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2010.

KING, Stephen. O Cemitério. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Suma, 2013.

ISHIGURO, Kazuo. Não me Abandone Jamais. 1ª edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

MONTES, Raphael. Suicidas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. O Infamiliar [Das Unheimliche]- Edição Comemorativa Bilíngue (1919-2019). São Paulo: Autêntica, 2019.

GRIMM, Jacob; GRIMM Wilhelm. Contos dos Irmãos Grimm. São Paulo: Editora Principis, 2019

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

DUMBO. Direção de Ben Sharpsteen. EUA: Walt Disney Pictures. 1941. Disney Plus (64 min)

BAMBI. Direção de Perce Pearce. EUA: Walt Disney Pictures. 1942. Disney Plus (70 min)

GAILMAN, Neil. Coraline. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

RED. Direção de Domee Shi. Canadá: Pixar, Walt Disney Pictures. 2022. Disney Plus (100 min)

BURNETT, Frances Hodgson. O Jardim Secreto. Rio de Janeiro: Darkside, 2021.

CHILD'S Play. Direção de Tom Holland. Chicago: Orion Pictures, Universal Pictures. 1988. Amazon Prime Video (87 min)

KING, Stephen. Cujo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Suma, 2016.

DAHL, Ronald. Matilda. 1ª edição. Rio de Janeiro: Galera Junior, 2022.

ANSON, Jay. Amityville. 1ª edição. Rio de Janeiro: Darkside, 2021.

KING, Stephen. O Iluminado. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Suma, 2012.

HARRIS, Thomas. O Silêncio dos Inocentes. 22ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

SEXTA-Feira 13. Direção de Sean S. Cunnigan. Nova Jersey: Paramount Pictures, 1980. Amazon Prime Video (95 min)

M8-Quando a Morte Socorre a Vida. Direção de Jefferson De. Rio de Janeiro: Midgal Filmes, 2020. Netflix Brasil (84 min)

POLACK, Salomão. M8- Quando a Morte Socorre a Vida. Rio de Janeiro: Editora Crescer, 1996.

MARCH, William. Menina Má: Nascemos Todos Inocentes e Somos Corrompidos pelo Mundo à Nossa Volta?. 1ª edição. Rio de Janeiro: Darksine, 2016.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha Ver o Pôr do Sol e Outros Contos. 20ª edição. Editora África, 2000.

MONTES, Raphael. Dias Perfeitos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.

CIDADE Invisível. Direção de Júlia Pacheco Jordão e Luis Carone. Rio de Janeiro: Netflix Brasil, 2019. Netflix Brasil (45 min)

TAVARES, Braulio. Sete Monstros Brasileiros. 1ª edição. Brasil: Fantasy, 2014

FONSECA, Rubem. Feliz Ano Novo. 11ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

CANTARELLI, N. D. C. Quando o olhar é capturado: o fascínio dos adolescentes pela filmografia de horror. Manancial-Repositório Digital da UFSM, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10353/CANTARELLI%2c%20NATALIA%20DALLA%20CORTE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

DIAS, A. L. C. F. Vinte. Revista Intransitiva, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/intransitiva/article/view/22680/14829>

Congresso Internacional da ABRALIC, XI, 2008, USP. O horror na ficção literária: Reflexão sobre o "horrível" como uma categoria estética. São Paulo: 2008, p.1-9.

BRAVO, Cesar. Ultra-Carnem. Rio de Janeiro: Darksine, 2016.

BRAVO, Cesar. VHS. Rio de Janeiro: Darksine, 2019.

PASCALE, Ademir; PIRES Daniel. Narrativas do Medo. 1ª edição. São Paulo: AVEC Editora, 2021.

BANDEIRA, Pedro. A Droga da Obediência. 1ª edição. Rio de Janeiro: Moderna, 2021.

COMPORTAMENTO Suspeito, Direção de David Nutter. Chicago: Metro-Goldwyn-Mayer, 1998. DVD (84 min)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. O Escaravelho do Diabo. 28ª edição. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2021.

O Escaravelho do Diabo. Direção de Carlos Milani. São Paulo: Globo Filmes, 2016. DVD (102 min)

REY, Marcos. Um Cadáver Ouve Rádio. São Paulo: Global Editora, 2013.

ALENCAR, José. Cinco Minutos. 2ª edição. São Paulo, 2005.

POE, Edgar Allan. O Corvo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.